

“TERRA À VISTA”: A CONDIÇÃO HUMANA NOS *CANTOS PROFANOS*, DE EVANDO NASCIMENTO

Andréia Penha Delmaschio (IFES *campus* Vitória)¹

Resumo: A partir das considerações de Hannah Arendt sobre a condição humana, realiza-se uma leitura do conto “Terra à vista”, de Evando Nascimento, como paródia da ficção científica, além de questionamento ético sobre o futuro da humanidade. Como nos livros anteriores, também em *Cantos profanos* a sua escrita *encena* questões, como: por que é que buscamos saber o que viemos fazer na Terra? Qual a razão de conservamos ainda hoje a ideia utópica da existência de Deus? Haverá um próximo estágio para a condição humana, dentro ou fora do planeta? Num futuro não muito distante, será possível ao homem adiar infinitamente a morte? Qual é o peso de cada afeto? O que seria hoje o que se chama a humanidade?


Palavras-chave: Cantos profanos; “Terra à vista”; Evando Nascimento; condição humana; ficção científica.

Em seu livro *A condição humana*, Hannah Arendt analisa as transformações ocorridas ao longo da história nas capacidades laborais do homem, tanto quanto estabelece a crítica de diversos pensadores modernos acerca das distinções, por exemplo, entre trabalho e obra. Em dada altura de suas reflexões, a pensadora afirma:

“A mudança mais radical da condição humana que podemos imaginar seria uma emigração dos homens da Terra para algum outro planeta. Tal evento, já não inteiramente impossível, implicaria em que o homem teria de viver sob condições, feitas por ele mesmo, inteiramente diferentes daquelas que a Terra lhe oferece. O labor, o trabalho, a ação e, na verdade, até mesmo o pensamento como o conhecemos deixariam de ter sentido em tal eventualidade. Não obstante, até mesmo esses hipotéticos viajores terrenos ainda seriam humanos; mas a única afirmativa que poderíamos fazer quanto à sua ‘natureza’ é que são ainda seres condicionados, embora sua condição seja agora, em grande parte, produzida por eles mesmos.” (ARENDR, 1991, p. 18)

Algumas das hipóteses então lançadas nessa parte do livro se confirmam com o passar do tempo, especialmente com a corrida espacial, desenvolvida mais freneticamente a partir do ano de lançamento do livro de Arendt, as quais os diversos eventos que envolvem a exploração do espaço a partir da década de 1960, com a chegada do homem à Lua, vão solidificar.

¹ Graduada em Letras (UFES), Mestre em Estudos Literários (UFES) e Doutora em Ciência da Literatura (UFRJ). Contato: adelmaschio@gmail.com.



Atualmente, uma empresa holandesa lançou o projeto denominado *Mars One*. Desde 2013, cidadãos de todo o globo já se inscrevem nesse que se anuncia ao mesmo tempo como programa de tevê e programa espacial, com o intuito de *colonizar* o planeta Marte a partir de 2025. O projeto, que não conta com verbas governamentais, traz no nome a promessa de ser o primeiro de uma série, e oferece viagem só de ida em direção aos módulos de vivência que, promete, serão implantados em solo marciano pouco antes da ida dos primeiros colonos.


Embora o idealizador do programa não veja com bons olhos a comparação com qualquer outro *reality show*, consta do contrato a ser firmado entre as partes que a atuação dos futuros migrantes seja filmada durante todo o tempo. Entre abril e agosto de 2013, duzentas mil pessoas em todo o mundo se inscreveram para participar do *Mars One*.

Desse modo, enquanto traçamos novos planos de colonização, desta vez do espaço, o problema da distribuição de terras segue irresoluto aqui na Terra. Dos paradoxos com que convivemos hoje, no conjunto das sociedades que habitam a superfície do planeta, este é apenas um singelo exemplo. Por entre guerras, ascensão de ondas neofascistas e enormes fossos de desigualdade, jamais nos impusemos como necessário que primeiro resolvêssemos a questão da mera subsistência, ligada à distribuição de terra, água e alimento, a fim de somente depois podermos partir para tentar habitar outras paragens.

No Brasil, o direito a terra é previsto na constituição, mas nenhum governo foi capaz de resolver o problema das concentrações de enormes extensões, em grande parte improdutivas, nas mãos de algumas poucas famílias proprietárias. Povos indígenas, quilombolas e comunidades inteiras de trabalhadores rurais sem terra seguem na luta por um lugar onde plantar e colher. Em meados de 2017 já se registra um número recorde de assassinatos em conflitos por terra, com 37 mortes entre janeiro e maio, segundo a Comissão Pastoral da Terra².

Olhando-se por esse ângulo, programas como o *Mars One*, diferentemente do que pode parecer, não são um passo natural e consequente no caminho do

² Fonte: COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. *CPT Amazonas lançará relatório Conflitos no Campo Brasil 2016*. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/cpt/3820-cpt-amazonas-lancara-relatorio-conflitos-no-campo-brasil-2016>. Acesso em: 17 jul. 2017.



desenvolvimento científico e tecnológico, apesar de anunciarem que já é possível inclusive estender o raio de vida do humano para além do nosso planeta.

Pelo contrário, até: observando as atuais relações geopolíticas, com um máximo de cinismo poder-se-ia argumentar, pela ótica do capital, que é mesmo necessário que haja Áfricas (empobrecidas), para que possa haver os EUA (cada vez mais ricos). De igual modo e pela mesma lógica perversa, é preciso que se esgotem os recursos necessários à vida aqui, a fim de que se justifique o envio de um pequeno número de pessoas a outras partes do universo, ainda que sem qualquer certeza de sobrevivência e de uma ulterior proliferação da espécie.

Radicalizando-se enfim a lógica que rege os dois polos desse paradoxo, constituído por uma vasta base de miséria que gera um pico de opulência, podemos afirmar que, mesmo tendo desenvolvido tecnologias avançadas ao ponto de podermos habitar um outro planeta, a mentalidade segue presa ao paradigma da exploração.

A intenção que move os vultosos investimentos feitos no desenvolvimento das tecnologias voltadas para essa nova colonização parece ser antes provar que se pode sobreviver por mais um tempo, conseguindo, a qualquer custo, o acréscimo de um pequeno respiro. Em diferentes áreas do pensamento, foram séculos de produção e reprodução de discursos que propalavam um avanço para além da mera sobrevivência da espécie, para ao final se reduzirem, contraditoriamente, a um apoio prático à premência mínima da garantia de sobrevivência para um pequeno grupo de privilegiados do capital, contra uma maioria muda e esmagadora de deserdados da sorte.

Trata-se de uma postura que anula, de uma só vez, tanto a noção de humanidade como conjunto de diferentes povos que têm o direito de ser preservados (embora vivamos num contexto em que falar em direitos soe quase cândido), quanto a concepção de vida como bem supremo a ser protegido. De qualquer ponto de vista que se tome uma proposição como essa, de degradação do planeta e povoação sem futuro certo de uma outra estância, ela nos parece mais que perigosa: obtusa, antiética e mesmo psicopata.

Caminhando portanto a passos rápidos contra o sentido ainda vigente, embora aparentemente moribundo, de humanidade, em sua relação com a ideia de felicidade coletiva, o que se mostra é antes um novo, mesquinho e redutor empreendimento explorador, muito ao modo das antigas colonizações de descoberta do Novo Mundo, ou

seja, feitas para poucos, que usarão, eliminarão ou abandonarão a todos os demais, só que agora no nível espacial.

Pode-se afirmar que, fora do ponto de vista da predação e do lucro, centrais para o capital, não há qualquer fundamento de maior escopo humanitário regendo aqui. Olhando desse ângulo, resistir durante tanto tempo tem sido mesmo um lance de sorte!

São reflexões provocadas pelo conto “Terra à vista”³, do livro *Cantos profanos*, de Evando Nascimento, texto declaradamente inspirado no projeto holandês de colonização de Marte, tanto quanto no filme *Gravidade*⁴, de 2013, dirigido por Alfonso Cuarón⁵.

O conto de Nascimento é autodeclarado relatório, “o relatório mais isento possível”, escrito às vésperas do ano 2150 pelo provável último representante da espécie humana na órbita de Marte:

“Sou o derradeiro sobrevivente deste módulo enviado para cá em 2080 e pertencço à segunda geração de filhos de migrantes. Formávamos até recentemente a mais importante das quinze colônias implantadas em solo marciano, numa colaboração internacional. ‘Internacional’ é modo ultrapassado de dizer, vício de linguagem que herdei dos bisavós, como consignado nos livros de História. Segundo consta nos atuais informes, não há mais nações, apenas conglomerados que tentam administrar os recursos finais do planeta. Escrevo essas coisas para o fato de, eventualmente, um navegante intergalático um dia se deparar com as ruínas do que fomos. Perdemos toda a identidade restante, o canibalismo

³ No título “Terra à vista”, a expressão “à vista” insinua a atuação, no enredo, do poder do capital, afinal maior responsável pela destruição das condições de vida no planeta Terra. Para além de designar simplesmente a terra firme avistada ao longe, augúrio dos navegadores marítimos, a expressão se refere agora à Terra (com maiúscula) abatida, explorada e *liquidada* “à vista”, como no comércio. O nome do conto revela ainda, de modo sutil, uma relação entre a colonização antiga e a futura e, ao mesmo tempo, a diferença entre elas, como se verá adiante.

⁴ O tom discretamente cômico da narrativa de Nascimento se origina, em parte, do absurdo da situação a que realmente chegamos; em outra, do aspecto paródico quanto à “ficção científica”, gênero ao qual se filia o filme *Gravidade*, cujo título, aliás, aponta para uma curiosa ambivalência, indicando tanto a força que nos prende à Terra, quanto a *gravidade* da situação em que nos encontramos hoje.

⁵ O conto “Terra à vista” pode ser comparado ao que tradicionalmente se chamava ficção científica; com a diferença importante, porém, de que é muito menor, aqui, a preocupação com a verossimilhança, geralmente presente no detalhamento técnico dos objetos e eventos, na ficção científica. Além disso, a ficção científica tradicional projetava eventos que viriam a ser realizados num futuro distante, enquanto que a ficção de Nascimento se constrói dentro de um tempo que devorou já essas distâncias temporais: ali o passado é anulado e o futuro parece mais próximo do que se imaginava. “Terra à vista” provoca assim uma rasura na significação do adjetivo “científica”, até há pouco simplesmente recuperável, no contexto mais geral, e em especial quando se seguia ao termo ficção. Questiona portanto certas facetas da ciência e, junto com elas, o conceito de ficção científica.



grassa faz décadas entre os descendentes, numa guerra sem fim.”
(NASCIMENTO, 2014, p. 51-52)⁶

Com base nos relatos do narrador, sabemos que, após diversas tentativas bem sucedidas de recriar artificialmente, em laboratório, a vida botânica e animal na Terra, uma bactéria teria destruído todos os resultados dessas experiências, e, junto, teria dizimado também dois décimos da humanidade, o que foi considerado uma vantagem, dadas as novas dificuldades de nutrição da população restante. Teria sido aí, ainda segundo as suas informações, que alguns blocos geopolíticos resolveram desenterrar os projetos de colonização do planeta vermelho.


A narrativa se passa após uma Terceira Guerra Mundial, que teria varrido do mapa o Oriente Médio, por meio de bombardeios nucleares, e “apaziguado” enfim as Coreias. O gelo dos polos já teria derretido, passando eles a serem “considerados zonas francas, dominadas pela máfia global, por assim dizer terra de ninguém.” (NASCIMENTO, 2014, p. 53).

Por entre reflexões curiosamente pouco nostálgicas para os parâmetros atuais, sobre aspectos da História, sobre Deus, a finitude e a infinitude, esse remanescente, denominado apenas “Eu”, tem acesso a informações vindas da Terra, como o desencadeamento de uma

“Quarta Guerra, em razão da escassez de recursos e da fome generalizada. Os governos dos agrupamentos geopolíticos (...) denominados de UNOs, perderam o controle para movimentos anárquicos, que se apossaram das novíssimas máquinas de guerra. Como sempre, o mais potente triunfará, malgrado todos os outros povos.” (NASCIMENTO, 2014, p. 55)

Numa boa mostra do que seria um desenrolar do modo como já agimos hoje, esse “Eu”, ainda que ciente da existência de todo um conhecimento acumulado, reconhece, referindo-se à Terra: “Temos acesso a todos os saberes provenientes de lá, apesar de utilizarmos muito pouco. Nunca nos deram o direito a pesquisa própria, somos antes cobaias em situações extremas” (NASCIMENTO, 2014, p. 55). A situação é limítrofe e, tudo indica, sem saída. Não há contato com outro representante da espécie: afora “o

⁶ A partir desta, todas as citações sem identificação de obra foram retiradas de: NASCIMENTO, Evando. *Cantos profanos*. São Paulo: Biblioteca azul, 2014.




invisível rival” que o “Eu” criou “para não endoidecer de vez” (NASCIMENTO, 2014, p. 55).

Isolado, imóvel e sem poder tocar a terra ou um outro corpo, ele afirma: “Os familiares me visitam com frequência, dão conselhos e se esfumam no ar.” (NASCIMENTO, 2014, p. 55). Mesmo assim, em meio à “sólida solidão” em que se encontra, o último homem conta com a “sorte” de haver ao menos um outro humano “no módulo dez”: “O painel só registra dois sinais residuais de vida, o meu é um deles” (NASCIMENTO, 2014, p. 55).

Resume por fim:

“Esse é o drama, das quinze colônias marcianas, apenas duas resistem, numa me encontro sozinho, o derradeiro companheiro sucumbiu há duas semanas, prefiro não informar como. Sei que há baterias e víveres escondidos em algum túnel entre o segundo e o terceiro módulo, mas ainda não encontrei o roteiro. Pode ser que meu único adversário, o do décimo módulo, lá chegue antes de mim, preciso continuar, não posso continuar – farei tudo para conquistar as reservas, onde quer que estejam, tenho um corpo de vantagem.” (NASCIMENTO, 2014, p. 56)

O corpo, nosso tão amado e idolatrado corpo, cintila então como um mero sinal residual, quiçá o último vestígio do que denominamos hoje a “condição humana”. Ele perde também o seu atributo primeiro de sentir, desejar tocar e ser tocado. De depositário vivo de sentidos, afetos e sensibilidade, tudo isso que a ele se aderiu ao longo da história, o corpo se reduz a uma “vantagem”. O ensejo ao embate, presente tanto na criação de um *inimigo* imaginário quanto na ideia de vencê-lo na luta pela sobrevivência, avulta como traço último, definitivo e marcante do humano. Não importa onde esteja – se em condições ditas normais, aqui na Terra, ou extremas, na órbita de um outro planeta –, assim que vislumbra a existência de um outro vivente, o primeiro pensamento do “Eu” é derrotá-lo, contando para isso com “um corpo de vantagem”. Em tal condição, o corpo não é mais a âncora de um complexo de sentimentos humanos que foi um dia; é antes o instrumento que resta para marcar um território. Ainda que isso venha a significar uma solidão ainda maior, o “Eu” lutará contra o outro pelas reservas de víveres, não pensando, por exemplo, em dividi-las com ele. A luta pelo domínio sobre o outro replica, em nível individual e no solo de Marte, o que ocorre, coletivamente, aqui na Terra, condenando-nos, ainda uma vez, ao niilismo.




O homem, que no antigo postulado de Protágoras era “a medida de todas as coisas”, não aparece mais na condição de modelo para tudo o que possa criar a partir e em prol do humano. Ao contrário, a essa altura todas as “coisas” já foram inventadas, usadas e descartadas. O último homem, solitário, migra agora para uma vida sem quaisquer dos “entraves” que o ligavam à Terra.

Em nome do domínio sobre o outro, a humanidade abdica, conscientemente ou não, a tudo o que auxiliava no construto da sua condição, e que passa, logicamente, pela alteridade. O corpo como local dos sentidos é neutralizado em nome da luta renhida que, ao final, significará a própria eliminação da espécie. Aliás, que seria um humano sozinho, isolado, livre da alteridade? Em condições como essa que o conto apresenta, seria ele ainda um humano?

Numa análise comparativa entre os movimentos de colonização de fins da Idade Média e os atuais, o professor Guillermo Giucci afirma que por um lado é possível estabelecer a comparação, embora por outro se trate de eventos totalmente diferentes:

“O submetimento da alteridade pelas armas e pelo verbo divino, (...) as figuras do cativo indígena, do naufrago abandonado e do índio intérprete, nada disso existe na conquista moderna, a do sistema solar. (...) Mas hoje nos remetemos a uma forma de subjugação que se distancia progressivamente do marco de referência humano, pois persegue a eliminação do corpo e do som. É a conquista clean, informatizada, robotizada” (...) “Por trás da agonia dos antigos valores, (...) perfila-se – de forma cada vez mais perturbadora – a gênese de uma transformação profunda e difícil de captar: o cancelamento da intimidade do ser humano com o ambiente natural ou artificial que o cerca. (...) o projeto solar se abre para o infinito (...) no interior de um vazio onde as noções de fronteira e de corporalidade parecem diluir-se e carecem de substância.” (...) “A etapa que se inicia para a humanidade – a etapa interplanetária –, que o viajante norte-americano do espaço Armstrong confunde com o progresso da ciência e da tecnologia, pode não ser agradável nem justa, mas irrompe no cenário da história sem se preocupar com os matizes e possuída de uma vontade férrea de exterminar, não só Deus e o passado, como o próprio planeta Terra.” (GIUCCI, p. 7-14)

Assim como nos livros de ficção anteriores, também em *Cantos profanos* a escrita de Evando Nascimento *encena* questões que interessam a quem pensa sobre, por exemplo: por que é que buscamos saber o que viemos fazer na Terra? Qual a razão de conservamos ainda hoje a ideia utópica da existência de Deus? Haverá um próximo estágio para a condição humana, dentro ou fora do planeta? Num futuro não muito



distante, será possível ao homem adiar infinitamente a morte? Qual é o peso de cada afeto? O que seria hoje o que se chama a humanidade?

Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. *CPT Amazonas lançará relatório Conflitos no Campo Brasil 2016*. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/cpt/3820-cpt-amazonas-lancara-relatorio-conflitos-no-campo-brasil-2016>. Acesso em: 17 jul. 2017.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GIUCCI, Guillermo. Velhos e novos mundos: da conquista da América ao domínio do espaço cósmico. Tradução Gloria Rodríguez. *Revista Estudos Históricas*. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, p. 3-18, 1991.

NASCIMENTO, Evando. *Cantos profanos*. São Paulo: Biblioteca azul, 2014.